

## As Implicações do Sexual e da Sexualidade no Seminário 10 de Jacques Lacan

Isabela de Oliveira Fogaça<sup>1</sup>  
George Miguel Thisoteine<sup>2</sup>  
Andre Luiz Gellis<sup>3</sup>

**Resumo:** A psicanálise, desde Freud, aborda a sexualidade como fonte potencial de angústia. Lacan, em seu Seminário 10, a associou ao desejo e ao objeto *a* de diferentes modos ao longo do ano de 1962-63. Este estudo qualitativo analisou os contextos de uso sobre o sexual e a sexualidade nesse seminário, utilizando análise de conteúdo. Identificaram-se três categorias, vinculando esses termos ao objeto *a*, desejo e falo. Os resultados também sugerem interseções entre a teoria lacaniana e debates contemporâneos sobre diversidade sexual, particularmente em identidades de gênero, evidenciando a relevância clínica e social da articulação teórica desses conceitos com a expressão da sexualidade.

**Palavras-chave:** Educação Sexual; Psicanálise; Lacan; Sexualidade; Objeto *a*.

### The Sexual and Sexuality in Jacques Lacan's Seminar 10

**Abstract:** Since Freud, psychoanalysis has approached sexuality as a potential source of anguish. In his Seminar 10 (1962–63), Lacan linked it to desire and the objet *a* in varying ways throughout the sessions. This qualitative study examined the contextual uses of the sexual and sexuality in this seminar through content analysis. Three key categories were identified, connecting these concepts to the objet *a*, desire, and the phallus. The findings also suggest intersections between Lacanian theory and contemporary debates on sexual diversity—particularly regarding gender identities—highlighting the clinical and social relevance of a theoretical articulation between these concepts and the expression of sexuality.

**Keywords:** Sex Education; Psychoanalysis; Lacan; Sexuality; Object *a*.

### Las implicaciones de lo sexual y la sexualidad en el Seminario 10 de Jacques Lacan

**Resumen:** Desde Freud, el psicoanálisis aborda la sexualidad como una fuente potencial de angustia. Lacan, en su Seminario 10, la asoció con el deseo y el objeto *a* de diferentes maneras a lo largo del año 1962-63. Este estudio cualitativo analizó los contextos de uso sobre lo sexual y la sexualidad en este seminario, utilizando el análisis de contenido. Se identificaron tres categorías, vinculando estos términos al objeto *a*, el deseo y el falo. Los resultados también sugieren intersecciones entre la teoría lacaniana y los debates contemporâneos sobre la diversidad sexual, particularmente en las identidades de género, lo que pone de manifiesto la relevancia clínica y social de la articulación teórica de estos conceptos con la expresión de la sexualidad.

**Palabras-clave:** Educación sexual; Psicoanálisis; Lacan; Sexualidad; Objeto *a*.

<sup>1</sup> Psicóloga formada pela Unesp no campus de Bauru. Residente pelo programa de residência multiprofissional de saúde mental da Unesp-FMB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7613-9867>, e-mail: [isabela.fogaca@unesp.br](mailto:isabela.fogaca@unesp.br)

<sup>2</sup> Atualmente é aluno de Pós-Graduação de Doutorado da Unesp (FC - Bauru). Mestre em Educação Sexual pela Unesp (FCLAr - Araraquara), 2022-2024. Bacharel em Psicologia pela Unesp (FC - Bauru), 2013 - 2017. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0823-3522>, e-mail: [george.thisoteine@unesp.br](mailto:george.thisoteine@unesp.br)

<sup>3</sup> Psicólogo, Mestre e Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP (1994-2000). Professor Assistente junto ao Departamento de Psicologia da FC, Unesp, campus de Bauru. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7412-9964>, e-mail: [andre.gellis@unesp.br](mailto:andre.gellis@unesp.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Sigmund Freud (1996b) propõe que, na cultura oriunda da modernidade, o âmbito sexual irá se manifestar de diferentes formas ao longo da vida do indivíduo, o que corroboram as suas observações acerca da influência do sexual sobre a subjetividade e o sofrimento. Portanto, a sexualidade seria constitutiva e inerente à vida de todos os seres humanos, expressando-se das mais diversas formas, envolvendo desde os desejos sexuais até a construção de identidades ou relações afetivas (Freud, 1996a).

A hipótese freudiana sobre a influência da repressão da sexualidade sobre a forma da subjetividade também é defendida como ponto epistemológico central da modernidade pelo filósofo francês Michel Foucault (1984), que aponta a necessidade do Estado de repressão da sexualidade para o controle da população, em meio à ascensão histórica do capitalismo. De tal modo, que Foucault (1984) levanta a hipótese de que o problema da repressão sexual como convergência de diferentes formações discursivas acerca do sexual, o que produziu uma disputa material sobre as formas de controle e reprodução dos sujeitos por meio da sexualidade.

Em diálogo com o debate foucaultiano, Desparts-Péquignot descreve no dicionário de Pierre Kaufmann (1996)<sup>4</sup> o percurso que a sexualidade fez desde a origem da psicanálise, a qual herda uma concepção naturalista do século XX, onde “a normalidade sexual era definida então pela sexualidade genital do adulto e esta remetida (...) à consumação do ato sexual com fins de reprodução” (p.467). Contudo, Freud amplia a sexualidade para abarcar àquilo que era tido como perverso e a sexualidade infantil; e Lacan a refugia no desejo, fora do biológico, mas não do corpo. Marie-Claude Lambotte (Kaufmann, 1996)<sup>5</sup>, aponta que a angústia foi abordada desde o início da obra de Freud; inicialmente como um sinal da repressão, onde o excesso da tensão sexual sem representação produziria angústia; posteriormente como um alerta ao Eu diante de um perigo iminente, motivo pelo qual aborda a angústia como um afeto sem objeto. O psicanalista Jacques Lacan, ao tratar o tema

<sup>4</sup> Verbete “Sexualidade”.

<sup>5</sup> Verbete “Angústia”.

da angústia no Seminário X, reformula o postulado de Freud e propõe que a mesma não seria sem objeto (Lacan, 2005), e ainda apontou que os significantes que fazem referência a tal objeto estão sob efeito do recalçamento.

Ao longo dos primeiros dez anos de seus *Seminários*, Lacan (2005) desenvolveu a ideia de um objeto específico ligado à angústia, um objeto que não corresponde a algo concreto ou visível, mas que representa aquilo que falta ao sujeito. Esse objeto, chamado por ele de objeto *a*, não é um objeto comum, mas sim uma ausência que estrutura o desejo. É justamente essa falta que faz o sujeito desejar, e é ela que estaria na origem da angústia. (Kaufmann, 1996)<sup>6</sup>. Segundo Diana Rabinovich (2005), o objeto *a* é um resto da operação de linguagem, da ação do significante sobre o sujeito, que inscreve uma falta na cadeia significante. Juan-David Nasio (1993), indica que essa falta é um resto a ser compreendido seja como um excesso, seja como uma falta, que surge das operações de ligação e substituição significantes dentro da cadeia, com a particularidade de portar um índice do real impossível à significação. Em outras palavras, seria justamente uma possível apreensão do objeto *a* sob sua dimensão com a falta que o tornaria acessível enquanto objeto causa do desejo.

Se Freud ressaltou a relação da angústia com a sexualidade, Lacan (2005) destacou as relações da angústia e do objeto *a*, de onde vem o âmbito do sexual e da sexualidade. Lacan (2005)<sup>7</sup> também apontou que o objeto *a* se inscrever desde a relação escópica com o outro, que é sobretudo um grande Outro (onde se constitui o desejo), até na falta do objeto fálico esperado como mediador do sentido da relação sexual. Assim, a relação do objeto *a* com a sexualidade, não se resume a causa do desejo, mas à todas as vicissitudes que ele engendra para a própria organização dele que inescapavelmente possui relações com o sexual.

## 2 METODOLOGIA

O objeto de estudo desta pesquisa foram as modalidades de uso acerca do *sexual* e da *sexualidade* na obra “O seminário: livro 10: a angústia”, de Jacques Lacan (2005). O delineamento desta pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, pois

<sup>6</sup> Verbete “Objeto *a*”.

<sup>7</sup> Acompanhar as aulas: I (14/11/1962) e XX (05/06/1963).

coleta e descreve as passagens e usos feitos sobre o sexual no seminário e levanta problemas e hipóteses a partir disso (Sampieri; Collado; Lucio, 2006). Caracteriza-se sobretudo como uma pesquisa bibliográfica, que trabalha com aspectos teóricos-conceituais do objeto de estudo.

A coleta do material para análise foi feita através de uma leitura exaustiva da obra, em que foram selecionadas passagens que continham sintagmas sobre “sexual” e sobre “sexualidade”. Também foram incluídas outras formas de variações gramaticais dessas palavras, bem como dos sufixos e prefixos. As variações de “sexo” não foram incluídas no material, pois implicaria em incluir outro aprofundamento teórico devido ao sentido que esta palavra possui ao mesmo tempo à identidade biológica, o gênero e o ato sexual. Após a coleta do material, foi organizado um anexo com a transcrição das passagens selecionadas junto a uma explicação do contexto de uso, onde cada sintagma era destacado em negrito.

A análise desse material consistiu na organização das passagens selecionadas em categorias temáticas mutuamente excludentes como propõe Bardin (2011). Na *primeira etapa* foi realizada uma pré-categorização, em que foram seguidos os seguintes passos: 1. extração do sintagma das passagens selecionadas; 2. redação de uma explicação sobre contexto em que o sintagma foi utilizado no seminário e o levantamento de temas próprios para cada uma das passagens; 3. a partir dos procedimentos anteriores, os sintagmas foram agrupados em pré-categorias, sendo o critério de seleção para o agrupamento a proximidade dos temas tratados a partir das explicações anteriores.

Na *segunda etapa* foi realizada a elaboração das categorias: inicialmente o material da primeira etapa foi entregue a dois juízes cegos, os quais reavaliaram as categorias propostas para a pré-categorização; a partir disso o material foi discutido em colaboração com o grupo de pesquisa de onde foram realizados novos agrupamentos com os sintagmas, buscando estabelecer um raciocínio teórico entre os temas emergentes.

A *terceira etapa* consistiu na escrita argumentativa das categorias, onde se dividiu a introdução e as subcategorias. Na primeira parte, foi elaborada para cada categoria uma discussão dos principais achados com uma revisão narrativa (Rother, 2007), de modo a argumentar a validade da categoria; nas subcategorias foi priorizado o levantamento de

resultados diretos do seminário, onde as descrições dos argumentos construídos nas categorias buscavam demonstrar o que foi explorado em seus argumentos. De onde, se chegou ao resultado desta pesquisa expressa nas 3 categorias e 10 subcategorias produzidas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No total, foram selecionadas 69 passagens: 47 contendo o sintagma sexual e 22, sexualidade, divididas em três categorias. As categorias propostas buscaram delinear como os termos estão presentes no Seminário X, e delimitar temas emergentes dos agrupamentos realizados.

**3.1 Categoria (1): Constituição da dimensão sexual do desejo a partir do objeto *a*:** essa categoria agrega 12 passagens que compõem 3 subcategorias, cujo tema abordado envolve desde o rompimento da noção de sexualidade ligada apenas ao campo biológico até a proposição do objeto *a* como elemento central na constituição da sexualidade, mais especificamente em relação ao desejo sexual.

Com essa primeira categoria é possível abordar as considerações de Lacan a respeito da influência dos fatores biológicos no sexual. O autor não desconsiderou a incidência da biologia, mas questionou os limites de sua influência discursiva na naturalização da sexualidade, como por exemplo na centralidade da atividade genital como inerente aos seres humanos.

Neste sentido, aponta-se uma possível aproximação entre a compreensão da sexualidade no seminário X de uma noção mais ampla da sexualidade tal como proposto por Freud (1996a). Ao longo de sua obra e por meio da teoria do desenvolvimento psicosssexual, Freud (1996a) identificou e reiterou que na fase genital as pulsões tendem a convergir em prol da organização da sexualidade em direção ao outro, por exemplo sobre o deslocamento do prazer do clitóris para a vagina na sexualidade feminina. Contudo, Freud discutiu que tal tendência não possuía um caráter biológico e que, na verdade, tratava-se de um resultado do empuxo do indivíduo para a genitalização e reprodução, sobretudo por conta da repressão moral da sexualidade como fatores de socialização e laço.

O exemplo da sexualidade feminina também foi abordado por Lacan (2005)<sup>8</sup> para apontar que a erotização do órgão genital ocorre graças a um processo semelhante ao mecanismo de somatização do conteúdo sexual presente na histeria. Neste mesmo sentido, Lacan trabalhou com a ideia de que, assim como os órgãos genitais, outras partes do corpo são passíveis de erogenização, destacando que não se trata de um processo de fundo biológico, o que justifica indagar sobre quais os aspectos envolvidos na constituição da sexualidade humana.

Ao considerar a abordagem do objeto *a* por Lacan (2005)<sup>9</sup>, para a compreensão que se busca fazer da sexualidade, passa por compreender a existência da repressão como um elemento que constitui a sexualidade desde a origem e socialização do corpo da criança. Por isso, também àquilo que está na base do que constitui esse corpo: a voz e o olhar que recaem sobre ele.

Portanto, a importância do esquema óptico que ocorre neste seminário. A psicanalista Colette Soler (2012) explica que o objeto *a* opera como uma reserva libidinal que permanece do lado do sujeito no esquema, pois o *a* não se projeta para o outro lado da imagem. Isso porque o objeto *a* é constituído como uma falta, portanto não é passível de especularização. O *a* pode ser compreendido como um objeto que se constitui em sua própria falta, mas que carrega consigo uma marca desta constituição, o que implica que, ao mesmo tempo que ele não possui uma imagem especular, existam traços deste objeto que são familiares ao sujeito (Rabinovich, 2005). Por conta disso, Lacan (2005)<sup>10</sup> aborda o objeto *a* como um elemento de triagem, que se constitui no *moi*, para a escolha de objeto, pois o *a* é o que irá intervir erogenizando a imagem do parceiro. Em concordância a isso, Lucero e Vorcaro (2016) apontam que o objeto é erogenizado ao passar pela validação do Outro, que lhe confere um valor, tornando-o passível de ser investido libidinalmente e ao mesmo tempo que é antes na alteridade, do que em uma função estritamente biológica ou natural, que o sujeito encontra o gozo no próprio corpo.

<sup>8</sup> Aula VI: “O que não engana”, de 19 de dezembro de 1962.

<sup>9</sup> Acompanhar as aulas: XVI (08/05/1963), XVII (15/05/1963) e XVIII (22/05/1963).

<sup>10</sup> Aula III: “Do cosmo à Unheimlichkeit”, de 28 de novembro de 1968.

Lima e Vorcaro (2020) defendem a noção de pulsão como um dos pontos de subversão propostos por Freud sobre a própria sexualidade. Isto é abordado por meio da compreensão de que as pulsões se oporiam aos instintos por não possuírem um objeto pré-determinado, respondendo a história da economia libidinal de cada indivíduo. Nesse sentido, o avanço feito por Lacan (2005)<sup>11</sup>, em relação à teoria freudiana, foi acrescentar o objeto *a* como causa desta organização libidinal e com isso o lugar do Outro, do social e da linguagem.

Ainda, como apresentado no Seminário X, o objeto *a* é constituído em diferentes níveis - escópico, oral, anal, fálico e ideal - relacionando-se diretamente com a formação dos objetos parciais para o sujeito devido as marcas geradas durante sua constituição. Apesar do *a* se constituir sempre como uma falta, é apenas no nível fálico que este objeto presentifica a própria falta do objeto (Soler, 2012). Freud (1996a) já expunha que na fase fálica ocorre a castração, seja pela percepção da ausência de pênis do lado masculino, ou da inveja do pênis, para o feminino. Lacan (2005)<sup>12</sup> avançou na formulação freudiana sobre a fase fálica e apontou que a castração ocorrida neste momento é da ordem simbólica, que irá marcar tanto para o menino quanto para a menina a impossibilidade de ser ou de ter o falo; marcas da primeira dialética sexual em relação ao desejo. O falo é o significante que organizará o desejo sexual e que permitirá a construção do parceiro sexual, que por natureza é imaginário.

Em concordância a esse achado, Castilho (2007) aponta que essa dialética também está presente na abordagem de Lacan do objeto *a* pela via imaginária em referência à dimensão escópica. O que só é possível por meio do acréscimo da função do anteparo no esquema óptico, que permitiu Lacan (2005)<sup>13</sup> aprofundar a noção de falo imaginário. Assim, a falta do objeto *a* na imagem real, reverbera na falta projetada pelo  $(-\varphi)$  na imagem invertida que, por sua vez, por conta do recurso do anteparo adicionado ao esquema, a falta projetada pelo  $(-\varphi)$  na imagem invertida não existe, o que faz com que seja possível abordar a função do falo imaginário.

<sup>11</sup> Aula IV: “Além da angústia de castração”, de 5 de dezembro de 1962.

<sup>12</sup> Aula XVI: “As pálpebras de Buda”, de 8 de maio de 1963.

<sup>13</sup> Acompanhar as aulas: III (28/11/1962) e IV (05/12/1962).



Por fim, fica evidente que o objeto *a* possui grande relevância para uma compreensão profunda e crítica acerca da sexualidade, o que pode ser verificado por meio da sua relação com a constituição e organização do desejo sexual para o sujeito. Os resultados levantados e trabalhados nesta categoria estão de acordo com a literatura científica, como é possível verificar por meio dos autores anteriormente trabalhados. Em especial, destaca-se a proposta dos autores Lima e Vorcaro (2020) que apontam o objeto *a* como um novo ponto de subversão acerca da sexualidade na teoria psicanalítica, permitindo uma abordagem atual sobre a sexualidade no meio psicanalítico que leva em conta a diversidade sexual e demais manifestações sexuais contemporâneas.

### **3.2 Subcategoria (1.1): Diferenciação da genitalidade da vida sexual**

A presente subcategoria é composta por quatro passagens que abordam a genitalidade e a vida sexual. Desde Freud (1996a), já era estabelecido para o campo psicanalítico que a genitalidade é apenas um dos caminhos possíveis para o exercício da sexualidade. Partindo deste mesmo entendimento, Lacan (2005)<sup>14</sup> realizou uma crítica à tradução do livro de Ferenczi que traduziu “*Versuch einer Genitaltheorie*” para “Ensaio das origens da vida sexual” e não para “Ensaio sobre a teoria da genitalidade”, como já apontado anteriormente. Para desdobrar essa ideia, Lacan (2005) recorreu mais uma vez ao livro de Ferenczi para destacar que o deslocamento do prazer sexual do clitóris para a entrada da vagina na relação genital ocorre por um mecanismo de erotização do corpo semelhante com o da histeria. Por fim, isso aponta que os órgãos genitais e demais partes do corpo são passíveis de erogenização, mas é um processo que não ocorre por uma garantia biológica.

### **3.3 Subcategoria (1.2): Investimento libidinal e a construção do erotismo**

Essa subcategoria é construída a partir de 4 passagens que tratam o objeto *a* sob a perspectiva de um objeto que intervém no investimento libidinal e na construção do erotismo. A apresentação do objeto *a* no esquema óptico é fundamental para a compreensão

<sup>14</sup> Aula VI: “O que não engana”, de 19 de dezembro de 1962.



dessas proposições, o que exige uma breve explanação que destaque as partes relevantes do esquema para o presente trabalho.

No esquema óptico, o objeto *a* aparece no lugar das flores em um vaso colocando na frente de um espelho côncavo, logo como imagem real, mas ele não se projeta para a imagem invertida e muito menos para a imagem especular. Como é apontado no seminário, o objeto *a* opera como uma reserva libidinal impossível de ser investida por não ser especularizável (Lacan, 2005)<sup>15</sup>. O recurso do anteparo é adicionado ao esquema por Lacan (2005) para abordar o  $(-\varphi)$ , função de falo imaginário, que se constitui como uma inexistência que, não obstante, funciona como um instrumento na relação com o outro e que marca a falta do próprio sujeito<sup>16</sup>.

Como já apresentado, o autor defendeu que as explicações fisiológicas sobre a sexualidade feminina e masculina não dariam conta da complexidade da sexualidade humana. Assim, ao abordar a erogenização da imagem do objeto, Lacan (2005) destaca que a “atração que envolve o objeto com o glamour, o brilho desejável, a cor - é assim que se designa a sexualidade em chinês - preferencial faz com que o objeto se torne estimulante no nível da excitação” (p.105).

Baudry (Kaufmann, 1996)<sup>17</sup> enfatiza que são os fragmentos deixados pelo objeto *a* que organizam a dinâmica da excitação pulsional e influem na eleição dos objetos parciais a serem investidos pelo sujeito. Por isso Lacan (2005)<sup>18</sup> aproxima o *a* e o *moi* “Pela ramificação do investimento erógeno original que existe aqui no *a*, simultaneamente presente e oculta. Ou então, o que funciona como elemento de triagem na escolha do objeto amoroso produz-se aqui no eu [*moi*], do outro lado do espelho” (p.104-105, grifos do autor).

<sup>15</sup> Acompanhar as aulas: III (28/11/1962) e IV (05/12/1962).

<sup>16</sup> “Nesse lugar da falta onde algo pode aparecer, coloquei pela última vez, e entre parênteses, o sinal  $(-\varphi)$ . Ele lhes indica que aqui se perfila uma relação com a reserva libidinal, ou seja, com esse algo que não se projeta, não se investe no nível da imagem especular, que é irreduzível a ela, em razão de permanecer profundamente investido no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos auto-erotismo, de um gozo autista. Em suma, ele é um alimento que fica ali para animar, eventualmente, o que intervirá como instrumento na relação com o outro, o outro constituído a partir da imagem de meu semelhante, o outro que perfilará sua forma e suas normas, a imagem do corpo em sua função sedutora, sobre aquele que é o parceiro sexual” (Lacan, 2005, p.55).

<sup>17</sup> Verbete “Objeto *a*”.

<sup>18</sup> Aula VII: “Ele não é sem tê-lo”, de 9 de janeiro de 1963.

### 3.4 Subcategoria (1.3): A constituição do objeto *a* e suas relações com o desejo sexual

A presente subcategoria conta com 5 passagens e aborda a relação entre a constituição do objeto *a* e a organização do desejo sexual especificamente por meio do (-φ). A dimensão do sexual na constituição do desejo é algo estabelecido pelo próprio meio psicanalítico, o que é observado por Lacan (2005)<sup>19</sup>. Quando na aula VIII, “A causa do desejo”, apresentou que o objeto *a* seria o objeto causa do desejo, Lacan demonstra que isso é devido a característica de sua constituição. Diz: “metáfora como esta não poderia ser suficiente, é claro, para reproduzir o que é preciso lhes explicar: que o potinho original tem enorme relação com o que está em questão no tocante à potência sexual, ao jorro intermitente de sua força” (Lacan, 2005, p.226). Esta passagem do seminário refere especificamente a organização do desejo sexual e o “potinho original”, ou seja, o objeto *a*.

Sendo o objeto *a* constituído em diferentes níveis, por meio de objetos chamados de “caducos” – onde Lacan (2005)<sup>20</sup> denomina ‘caducos’ os objetos parciais que foram investidos libidinalmente na infância e posteriormente descartados – e esses objetos, ao serem separados do corpo, constituem o objeto *a* como resto pulsional, articulando desejo e castração. Os formas de constituição do objeto *a* para Lacan (2005)<sup>21</sup>, portanto são, são: oral, anal, fálica, escópica e ideal.

Esta relação entre a castração e a constituição do objeto faltante no nível fálico também foi apontada por Lacan (2005) na aula XVI, “As pálpebras de Buda”: “No estágio da castração fálica, há o menos-falo, a entrada da negatividade quanto ao instrumento do desejo, no momento do surgimento do desejo sexual como tal no campo do Outro” (p.251).

### 3.5 Categoria (2): Dimensões da técnica - o sentido sexual do objeto *a* ao falo:

Nesta categoria constam 30 passagens que tratam do sentido sexual do objeto *a* e do falo, bem como de suas incidências na clínica psicanalítica. Fazem parte desta categoria 4

<sup>19</sup> Aula XVII: “A boca e o olho”, de 15 de maio de 1963.

<sup>20</sup> Acompanhar aulas: XII (06/03/1963), XIII (13/03/1963) e XXII (19/06/1963).

<sup>21</sup> Aula XXII: “Do anal ao ideal”, de 19 de junho de 1963.

subcategorias. No seminário X, Lacan (2005)<sup>22</sup> também explorou o objeto *a* como um produto da representação do sujeito pelo significante, a qual ocorre por meio da entrada na linguagem. Nasio (2010) explica que Lacan utilizou alguns recursos topológicos (como o *cross-cap*) para demonstrar as características deste objeto. O *cross-cap* é uma figura topológica que permite realizar uma aproximação com a estrutura topológica do objeto *a*, que é uma presença não especularizável (Nasio, 2010). Desta forma, torna-se possível apreender algumas características da relação do objeto *a* com a linguagem, mais especificamente com a função do corte e do sentido sexual.

Rabinovich (2005) aponta que é por não ser significantizável que o *a* adquire a condição (o status) de objeto faltante. Recorrendo aos objetos parciais, Nasio (1993) explica que o objeto se separa do sujeito por meio da fala: por exemplo, o grito do lactente o separa do seio materno; a demanda dos pais, que exige o abandono das fezes, separa a criança de seu objeto. Rabinovich (2005) e Nasio, (1993) exploram as relações entre o objeto *a* e os parciais, evidenciando principalmente a relação entre a separação do objeto *a* e a característica dos objetos parciais de serem destacáveis do próprio corpo.

Lacan (2005)<sup>23</sup> sintetizou por meio da noção de corte a relação do objeto *a*, como produto da linguagem, com as partes destacáveis do corpo. Lacan (2005) comparou o corte do objeto *a*, que separa o sujeito do objeto, com o corte da circuncisão, para explicar como o sentido sexual se mantém mesmo após o corte. A aproximação feita por Lacan (2005) refere-se a duas dimensões: a do sentido sexual contido no objeto *a* (que se mantém para o sujeito mesmo após sua separação do objeto); a do sentido sexual do corte da circuncisão, uma vez que o órgão genital por si só continuaria a remeter a um sentido sexual mesmo após o corte.

Isso sugere que o objeto *a* é uma noção que refere o sentido sexual ligado ao corpo do sujeito. Nasio (1993) destaca que o significante fálico é por excelência o significante sexual recalado, em vistas disso, Lacan (2005)<sup>24</sup> explicou que o falo está presente em todo lugar em

<sup>22</sup> Aula II: “Angústia signo do desejo”, de 21 de novembro de 1962.

<sup>23</sup> Aula VI: “O que não engana”, de 19 de dezembro de 1962.

<sup>24</sup> Acompanhar as aulas: XX (05/06/1963) e XXIII (26/06/1963).

que ele não está inserido e, por isso, é necessário se atentar para os seus modos de presença principalmente em coisas sem um sentido sexual aparente. Estes apontamentos são de extrema importância para a técnica psicanalítica, pois reitera que, para a psicanálise, o sexual não ocupa apenas o lugar que comumente a cultura designa para a sexualidade, exigindo do analista apreender o sentido sexual nos lugares em que ele não seria esperado. E essa é justamente a crítica feita por Lacan (2005)<sup>25</sup> sobre a condução de Freud no caso da Jovem Homossexual.

É por este ângulo que Soler (2012) discute o erro no manejo transferencial de Freud no caso da Jovem Homossexual. Embora Freud seja utilizado como exemplo de um manejo que não levou em conta a dimensão sincrônica dos objetos parciais, que levariam à dimensão do objeto *a*, Lacan (2005)<sup>26</sup> contrapõe de forma positiva o manejo contratransferencial de Lucia Tower, tendo atribuído seu sucesso a uma familiaridade da posição feminina no desejo com a posição do analista. Tal entendimento também é compartilhado por Nasio (1999), que “acreditava, e ainda acredito, que a posição do psicanalista é tal que se aproxima, no limite, de uma posição feminina, que então eu chamava de ‘posição feminina do psicanalista’” (p.7).

### 3.6 Subcategoria (2.1): O sentido sexual e a função do corte

Esta subcategoria aborda por meio de 8 passagens as relações entre o sentido sexual e o objeto *a*. Durante o seminário, Lacan (2005, p.135)<sup>27</sup> salientou que o objeto *a* marca uma separação entre sujeito e objeto, que ocorre devido a um corte “a separação característica do começo, aquela que nos permite abordar e conceber a relação, não é a separação da mãe”. Lacan (2005)<sup>28</sup> também compara o corte do objeto *a* e o corte da circuncisão, para evidenciar como o sentido sexual se mantém para o sujeito mesmo após a mudança do objeto.

Por meio destes exemplos, Lacan (2005) apontou que os cortes não são do mesmo tipo: o que leva à confusão dos leitores de os compararem ao pé da letra – o que ocorre

<sup>25</sup> Acompanhar as aulas: VIII (16/01/1963) e IX (23/01/1963).

<sup>26</sup> Acompanhar as aulas: VII (09/01/1963) e XIV (20/03/1963), onde Lacan também frisa que toda transferência é uma manifestação sexual, o que impõe ao analista oferecer uma escuta que facilite o aparecimento do conteúdo sexual.

<sup>27</sup> Aula IX: “Passagem ao Ato e *acting out*”, de 23 de janeiro de 1963.

<sup>28</sup> Acompanhar as aulas XVI (08/05/1963), XVII (15/05/1963) e XVIII (22/05/1963).

justamente por conta do sentido sexual – de onde se retoma o que diz no início do seminário que a “maioria dos que continuam a repetir a esse respeito as confusões que se arrastam pelos escritos analíticos, aliás, há muito se apercebeu de que também se tratava de reduzir de maneira significativa a ambiguidade do tipo sexual” (p.92)<sup>29</sup>

O sentido sexual está presente no discurso do sujeito e aparece de diversas formas, como na dialética sexual de ser ou ter o falo, e, particularmente, em coisas que não possuem um sentido sexual aparente. Isso porque, segundo Kaufmann (1996), o falo é o significante sexual, que está presente para o sujeito em todo lugar, embora sempre inacessível por conta da castração: “Tal será, no registro do significante, a significação do falo, indissociável dessa carência de significante – notada S de A barrado. em outras palavras, indissociável da castração” (Kaufmann, 1996, p.195)<sup>30</sup>.

Isso, aliás, se desdobra em uma indicação clínica sobre o assunto, pois Lacan (2005)<sup>31</sup> abordou como os analistas devem buscar o sentido sexual para além de onde ele é esperado, para tão logo concluir: “É por isso que convém ficar de orelha bem espichada e identificar, nos casos em que isso se destaca, a relação que liga o ato sexual a algo que não leva jeito, é claro, de ter muita importância, mas que a assume como indicativo da relação de que estou falando” (Lacan, 2005, p.346).

### 3.7 Subcategoria (2.2): Sentido sexual e as relações com o desejo

Esta subcategoria é constituída por 9 passagens que abordam as relações do sujeito com o objeto *a*, evidenciando a sua importância para a dimensão clínica. É preciso igualmente destacar que a maior parte das passagens referem-se a um resumo que Lacan faz sobre o caso clínico para abordá-lo, não sendo o objetivo deste trabalho aprofundar-se neste tema. Lacan (2005)<sup>32</sup> introduziu o caso da Jovem Homossexual de Freud para mostrar a relação que o objeto *a* possui com a angústia. Ele destacou que no referido caso clínico “o que está em questão é uma certa promoção do falo como tal ao lugar do *a*. É justamente isso que deve

<sup>29</sup> Aula VI: “O que não engana”, de 19 de dezembro de 1962.

<sup>30</sup> Verbete “Falo”.

<sup>31</sup> Aula XXIII: “De um círculo irreduzível ao ponto”, de 26 de junho de 1963.

<sup>32</sup> Acompanhar as aulas: VIII (16/01/1963) e IX (23/01/1963).

esclarecer-nos sobre o desfecho do tratamento” (Lacan, 2005, p.126). Essa promoção do falo no lugar de *a* é justamente o que Lacan apontou como o disparador que fez surgir o afeto da angústia. Neste sentido, é interessante destacar que Lacan (2005) apresentou o caso clínico da Jovem Homossexual por meio de uma dialética acerca do seu desejo sexual, enfatizando o seu aspecto dinâmico.

### 3.8 Subcategoria (2.3): Relações entre falo e sujeito

Acompanhando as considerações realizadas nas duas subcategorias anteriores, esta subcategoria conta com 5 passagens e aborda a relação do neurótico obsessivo com objeto *a*, destacando algumas relações com o desejo. Primeiramente, para compreender a questão abordada é necessário recorrer a Freud (1996a) e retomar algumas ocorrências da fase anal, pois, Freud em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” desenvolve a ideia do excremento como um objeto que marca a ambivalência da criança em relação aos pais, que pedem que ela abandone o objeto. Lacan (2005) acrescenta que ao se desfazer do excremento por conta de uma demanda dos pais a criança abre mão de um objeto irrecuperável. Neste sentido, aponta que é o nível anal que o objeto *a* “intervém na função do desejo” (p.343), isto é, como causa. No caso do obsessivo, essa questão se desdobra na esfera do desejo sexual e por isso Lacan o localiza na tentativa de afastamento de toda alteridade sobre si.

### 3.9 Subcategoria (2.4): Sentido sexual nas relações transferência

Esta subcategoria por meio de 6 passagens destaca a relevância do objeto *a* para o manejo clínico, mais especificamente recorrendo à condução analítica de Freud no tratamento da Jovem Homossexual. Ao abordar o manejo clínico de Freud, Lacan trabalha a noção da existência de uma manifestação sexual na transferência, o que sugere que cabe ao analista procurar pelo sentido sexual deixado pelo objeto *a*. Nesse sentido, Soler (2012) também aponta que faltou a Freud justamente se atentar a dimensão sincrônica do objeto parcial. Pois, como definiu Lacan (2005)<sup>33</sup>, a angústia é o afeto que não engana, por conta de sua íntima relação com um objeto, o objeto *a*.

<sup>33</sup> Aula VI: “O que não engana”, de 19 de dezembro de 1963.

### 3.10 Categoria (3): A presença do falo na não relação sexual:

A última categoria elaborada conta com 26 passagens, que tratam da incidência do ( $\varphi$ ) no âmbito da castração, bem como seus desdobramentos para os impasses na relação sexual e a relação do falo com o gozo. Nesta categoria a castração é tratada tanto como afeto como orientação sexual, sob a perspectiva da homossexualidade. Segundo Quinet (2016) a homossexualidade já vinha sendo trabalhada pela psicanálise desde Freud por meio dos estudos sobre as predisposições que organizam as relações libidinais pós-edípias. No entanto, apesar de Freud reconhecer a homossexualidade como uma identidade sexual, ele também defendia que todos os indivíduos já haviam tido uma escolha homossexual durante o desenvolvimento e posteriormente foram recalçadas, praticadas ou sublimadas. Por meio da sublimação a homossexualidade pode ser compreendida pelo que Quinet (2016) chama de “cimento dos laços sociais”.

Lacan (2005)<sup>34</sup> abordou a homossexualidade em seu décimo seminário sob esta mesma perspectiva e acrescentou que, na qualidade de cimento social, ela seria um privilégio masculino devido a uma maior valorização social da homossexualidade masculina do que a feminina. Ele atribui isso ao caso de os homens compartilharem entre si o fracasso sexual, termo que faz referência ao fato de os homens, devido à castração, estarem na posição de não possuírem o objeto fálico no lugar e no instante em que ele é esperado, isto é, na relação sexual (Lacan, 2005). Sendo esse talvez um dos achados mais importantes dessa pesquisa, e com literatura mais escassa. De fato, Lacan aborda o tema da homossexualidade extensivamente no seminário 4 e 8, os quais parecem guardar elementos importantes de comparação com a ideia encontrada no seminário 10, hipótese que pode engendrar outras investigações.

Sobre a castração, Kaufmann (1996)<sup>35</sup> aponta que se trata de uma incapacidade do sujeito em obter do Outro a garantia de seu próprio gozo. Há uma relação direta entre a castração e o falo imaginário, pois, como explica Kaufmann (1996), a castração é a própria

<sup>34</sup> Aula XX: “O que entra pela ouvido”, de 5 de junho de 1963.

<sup>35</sup> Verbete “Castração”.



subtração do objeto simbólico que, por sua vez, remetia ao falo imaginário - o objeto fálico onipotente. É por isso que ao longo do seminário X Lacan (2005) aborda a castração a partir do  $(-\varphi)$ , explicitando principalmente que toda a relação do sujeito com o outro ocorre mediada por essa falta.

Enquanto o autor considerou o objeto *a* uma reserva libidinal, o  $(-\varphi)$  foi considerado o elemento que intervém na relação com o outro, pois como já abordado na Categoria 1, o falo imaginário é o recurso que permite ao sujeito a construção imaginária do parceiro sexual. Ao mesmo tempo, o  $(-\varphi)$  opera como ponto de mediação na relação do sujeito com o outro e aliena, tanto no imaginário como no simbólico. Há neste ponto um impasse: se o sujeito busca no outro a sua própria falta, por óbvio ele nunca irá encontrá-la. O que, neste seminário, Lacan (2005)<sup>36</sup> aborda por uma perspectiva heterossexual da relação sexual.

Ainda, Soler (2012), que discutiu essa questão a partir da angústia, aponta que o desejo, seja o do homem, seja o da mulher, busca o  $(-\varphi)$  na relação com o outro, mesmo que este nunca seja acessado fora do imaginário ou do simbólico. Isso concerne a uma impossibilidade fundamental colocada no campo da relação sexual, pois o  $(-\varphi)$  não pode ser representado, devido ao seu caráter faltante e não especularizável (Lacan, 2005).

Então, adentra-se em um ponto de subversão sobre a sexualidade na psicanálise lacaniana (Lima, Vorcaro, 2020), pois Lacan (2005) aponta que o objeto causa do desejo não especifica o sujeito e o parceiro como homem e mulher, mas sim como “um e outro” (p.294). Por meio dessa afirmação de Lacan (2005), este trabalho propõe que o objeto *a* não concerne um gênero, nem ao sujeito, tampouco do objeto do desejo, uma vez que a impossibilidade da relação sexual se expressa devido ao objeto *a*, como suporte do desejo, não estar a serviço da união sexual. Tal proposta está de acordo com a leitura de Lima e Vorcaro (2020), que apontam que o objeto *a* possui como função organizar e dar uma direção ao desejo, mas não em especificar o objeto visado em si. Ainda nesta perspectiva, também é possível identificar no seminário X que Lacan (2005) não avalia as posições femininas e masculinas do desejo como inerentes ao sexo biológico dos indivíduos, destacando em diversos momentos que qualquer sujeito pode ocupar tais posições independentemente de sua identidade de gênero.

<sup>36</sup> Acompanhar as aulas: XIV (20/03/1963), XV (27/03/1963) e XX (05/06/1963).

Como explica Soler (2012), o objeto *a*, devido a sua constituição faltante no nível fálico, designa ao sujeito apenas alguns modos de gozo. E neste mesmo sentido, Viola e Vorcaro (2011) comentam que é justamente pela enumeração das formas do objeto *a* e do reposicionamento que o estatuto do corpo possui para o gozo nesse seminário é que a psicanálise se mantém subversiva em relação a normatização do desejo e da constituição das identidades.

O gozo, segundo Lacan (2005), possui marcas que não são diferenciáveis por não passarem pela significação, devido à constituição do objeto *a* ocorrer por meio de marcas corporais de satisfação muito anteriores à possibilidade do sujeito articular a linguagem – isso reforça a proposição do objeto *a* não conferir uma identidade sexual ao sujeito. As atuais discussões sobre diversidade inexistiam à época do seminário X de Lacan, contudo é possível apreender possíveis aproximações teóricas da psicanálise com as pautas identitárias contemporâneas. Neste sentido, evidencia-se a importância e a necessidade de materiais com referenciais psicanalíticos que busquem dialogar com as pautas sociais da atualidade. Assim, do mesmo modo que as teorias de gênero levantam um questionamento sobre a congruência do sexo como identidade de gênero natural do indivíduo, a partir desta categoria, é possível observar o movimento de Lacan para questionar o essencialismo biológico presente na compreensão psicanalítica sobre a identidade sexual à sua época; como por exemplo a noção de que as posições masculinas ou femininas não designam um estado natural do sujeito em relação ao desejo por um dado biológico. E, nesse sentido, também se destaca que é possível observar que Lacan (2005) não trata a homossexualidade como um destino natural da sexualidade humana.

### 3.11 Subcategoria (3.1): A castração e seus desdobramentos no sexual

Esta subcategoria é composta por 9 passagens que tratam da castração e de suas relações com a homossexualidade. No seminário X, Lacan (2005)<sup>37</sup> retomou a tese de Freud sobre “A homossexualidade, situada como princípio do cimento social em nossa teoria, a freudiana, é privilégio do macho” (p.294). Ele acrescenta que isso está “está ligado à faceta

<sup>37</sup> Aula XX: “O que entra pelo ouvido”, de 5 de junho de 1963.

de fracasso sexual que é muito particularmente conferida ao homem, em virtude da castração” (p.294). Isso se relaciona com a posição masculina no desejo, uma vez que falta ao homem o objeto justamente no nível sexual, onde ele era esperado, afirmou Lacan (2005). A castração implica que o sujeito se posicione de alguma forma diante do falo, isto é, diante a falta. Em contrapartida, Lacan (2005)<sup>38</sup> apontou que a homossexualidade feminina possui valor cultural, mas não uma função social.

### 3.12 Subcategoria (3.2): O impasse na relação sexual

Esta subcategoria foi construída por meio de 11 passagens nas quais, por meio da posição feminina e masculina no desejo, Lacan destaca os impasses para a relação sexual. Na posição masculina, Lacan (2005) explicou que “Em razão mesma da estrutura evocada, o homem só fica na mulher por delegação de sua presença, sob a forma desse órgão caduco, desse órgão do qual ele é fundamentalmente castrado na relação sexual e pela relação sexual.” (p.331). Isso porque, o desejo masculino é marcado pela falta, (- $\varphi$ ), do objeto no nível sexual, justamente no lugar onde ele deveria aparecer, o que o faz buscar na relação com o parceiro sexual (Lacan, 2005). Ao procurar o (- $\varphi$ ) na mulher, o homem se angustia diante da falta, como também explicou Lacan (2005, p.211): “O que há para deixar ver, na mulher, é o que existe, é claro. Se não existe muita coisa, isso é angustiante, mas continua a ser algo que existe, ao passo que, para o homem, deixar que se veja seu desejo é, essencialmente, deixar ver o que não existe”.

Por outro lado, na posição feminina, Lacan (2005), ainda na aula XX, destacou que a mulher sabe que não possui o falo, o que também se constitui como uma falta, e o desejo feminino se organiza em torno de tomar o falo, (- $\varphi$ ), para si na relação com o parceiro. O (- $\varphi$ ), ao mesmo tempo que é um instrumento para a mediação da relação com o parceiro, é também o que os alienam, pois o (- $\varphi$ ) nunca é possível de ser acessado devido a sua condição faltante. É por isso que Lacan (2005) afirmou que “O suporte do desejo não foi feito para a união sexual, porque, generalizado, ele já não me especifica como homem ou mulher, mas

<sup>38</sup> Ainda, seria possível comparar o uso que Lacan faz da homossexualidade feminina na aula XX com o que é feito na aula IX.

como um e outro.” (p.294). Por fim, Lacan (2005) ainda apontou que “O fato de o falo não se encontrar onde é esperado, ali onde é exigido, ou seja, no plano da mediação genital, é o que explica que a angústia seja a verdade da sexualidade” (p.293), o que se deve a essa impossibilidade fundamental colocada no campo da união sexual. Em concordância a isso, Kaufmann (1996)<sup>39</sup> comenta que “O significante fálico ocorre nesse lugar da falta de simbolização da relação entre os sexos: na impossibilidade de uma relação que cessaria de se escrever” (p.190).

### 3.13 Subcategoria (3.3): Modalidades de gozo

Esta subcategoria possui 7 passagens que tratam do tema do gozo relacionado ao objeto *a*. Lacan (2005)<sup>40</sup> levantou uma questão a respeito do gozo ter ou não relação com o ato sexual, isso porque o gozo pode ser acessado de diversas formas que não se restringem ao momento da atividade sexual em si. Como o autor mesmo apontou, o lugar do orgasmo não é necessariamente o mesmo lugar do gozo. Para desdobrar essa questão, Lacan (2005)<sup>41</sup> apresentou que até mesmo no instinto sexual há uma demanda: “onde pareceríamos lidar com o instinto mais primitivo, o instinto sexual, (...), ou seja, pela relação entre o desejo e a demanda. O que é demandado no nível genital, e a quem?” (p.286).

Essa demanda, o autor apontou possuir uma certa relação com a morte, devido à reprodução sexual da espécie colocar em perspectiva a finitude do sujeito. Neste sentido, o ato sexual aproxima o sujeito de uma experiência de morte por retornar ao momento do ato da “conjunção de duas células sexuais” (Lacan, 2005, p.288). No entanto, o gozo pode ou não estar presente na relação sexual, mas nem sempre está presente na relação com o desejo, pois como Lacan (2005) apontou “É nesse sentido que toda função do *a* refere-se apenas à lacuna central que separa, no nível sexual, o desejo do lugar do gozo, e nos condena ao imperativo que faz com que, para nós, o gozo, por natureza, não esteja prometido ao desejo” (p.359).

<sup>39</sup> Verbetes “Falo”

<sup>40</sup> Aula XXIII: “De um círculo irreduzível ao ponto”, de 26 de junho de 1963.

<sup>41</sup> Aula XIX: “O falo evanescente”, de 29 de maio de 1963.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho explorou como o *sexual* e a *sexualidade* são abordados por Lacan ao longo de seu décimo seminário, de modo que as temáticas escolhidas acentuam a grande relevância para aprofundamentos técnicos da psicanálise e para a própria educação sexual, principalmente por meio das noções de objeto *a*, desejo e falo.

Além disso, observa-se que tais conceitos e outras noções e formulações constantes nesse seminário da década de 1960 não são datados, apresentando evidente relevância para os debates contemporâneos como os promovidos por Leguil (2020) e Preciado (2020) sobre a diversidade sexual, seja para a construção de diálogos entre a psicanálise lacaniana e questões atuais, seja por ensejar um olhar crítico sobre o sexo ou por melhor circunscrever a abrangência de uma discussão sobre identidade de gênero às controvérsias sobre o corpo e a subjetividade, que, aliás, estão presentes nos seminários subsequentes de Jacques Lacan.

Ainda, destaca-se que a identificação e discussão das categorias acerca do sexual e da sexualidade permitem um aprofundamento crítico sobre a sexualidade humana, o que permite o avanço em estudos tanto nos campos da Psicanálise como em Educação Sexual e por extensão na promoção das ODS 4, de Educação de Qualidade, e também da ODS 5, de Igualdade de Gênero.

#### REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CASTILHO, P. T. Uma discussão sobre a angústia em Jacques Lacan: um contraponto com Freud. **Revista do Departamento de Psicologia**, v. 19, n. 2, p.325-338, dez. 2007.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, v.7, 1996a.

FREUD, Sigmund. Doença nervosa moderna e moral sexual civilizada. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, v.9, 1996b.

- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber.** São Paulo: Graal, 1984.
- KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise o legado de Freud e Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LACAN, J. **O seminário, livro 10: a angústia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LEGUIL, C. **Ser e Gênero: Homem e Mulher depois de Lacan.** São Paulo: EBP, 2020.
- LIMA, V. M.; VORCARO, M. R. A. O Pioneirismo Subversivo da Psicanálise nos Debates de Gênero e Sexualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e192180, 2020.
- LUCERO, A.; VORCARO, M. R. A. Angústia e constituição subjetiva: do objeto não significantizável ao significante. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 16(2), p.60-70, ago. 2016.
- NASIO, J.-D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993.
- NASIO, J.-D. **Como trabalha um psicanalista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- NASIO, J.-D. **Introdução à topologia de Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando Nosso Mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.** Nova York, 2015.
- PRECIADO, P. B. **Eu sou o monstro que voz fala.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2020.
- QUINET, A. Da homossexualidade ao *homo sexualis*. **Trivium**, Rio de Janeiro, v.8, no.2, p.117-123, dez. 2016.
- RABINOVICH, D. Comentário do Seminário X, “A Angústia”. In: RABINOVICH, D. (Org.) **A angústia e o desejo do Outro.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. In: **Acta paul. enferm.** 20 (2), Jun 2007.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de Pesquisa.** São Paulo: McGraw-Hill, 2006.
- SOLER, C. **Seminário de leitura de texto, ano 2006-2007: Seminário A Angústia, de Jacques Lacan.** São Paulo: Escuta, 2012.

VIOLA, D. T. N.; VORCARO, A. M. R. A verdade e o engodo do desejo na leitura do seminário *a angústia* de Jacques Lacan. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.XIV, n.1, p.77-93, 2011.

---

***Recebido em:*** 30/09/2025

***Aceito em:*** 30/11/2025

***Publicado online em:*** 08/12/2025\